

# Sylvia Plath – Papai

Você não serve, você não serve,  
Não serve mais, sapato negro  
Em que eu vivi como um pé  
Por trinta anos, branca e pobre,  
Mal me atrevendo a um espirro sequer.

Eu tive de matar você, papai.  
Você morreu antes que eu pudesse  
– Peso de mármore, saco repleto de Deus,  
Estátua medonha com um dedão gris  
Do tamanho de uma foca de Frisco

E uma cabeça onde o estranho Atlântico  
Derrama o verde-vagem sobre o azul  
Nas águas da magnífica Nauset.  
Eu rezava para recuperá-lo  
Ach, du.

Na língua alemã, na vila polonesa  
Aterradas pelo rolo-compressor  
Das guerras, guerras, guerras.  
Mas o nome do lugar é comum.  
Diz meu amigo polaco

Que há uma ou duas dúzias.  
Assim nunca soube onde você  
Fincou seus pés, suas raízes,  
Com você nunca pude falar.  
A língua presa no maxilar.

Arapuca de arame farpado.  
Ich, ich, ich, ich,  
Mal conseguia dizer.  
Em todo alemão vi você.  
E a linguagem obscena

Uma locomotiva, uma locomotiva  
Em vapores me leva como Judia.  
Uma Judia para Dachau, Auschwitz, Belsen.  
Passei a falar como uma Judia.  
Acho que bem posso ser Judia.

A neve do Tirol, a cerveja clara de Viena  
Não são lá muito puras ou genuínas  
Com minha ancestral cigana, minha estranha sina  
E meu baralho de tarô, meu baralho de tarô  
Eu devo ser um pouco Judia.

Você sempre me meteu medo,  
Com sua Luftwaffe, seu papo furado.  
E o seu bigode asseado  
O olho ariano, bem azulado.  
Homem-panzer, homem-panzer, oh Você

Não Deus, mas uma suástica.  
Tão negra que nem céu vara.  
Toda mulher adora um Fascista,  
A bota na cara, o bruto  
Coração de um bruto da sua laia.

Você está de pé na lousa, papai,  
Na imagem que levo comigo,  
Em vez do pé, o queixo fendido,  
Mas não menos diabo por isso, oh não  
Não menos que o homem que em dois

Partiu meu belo e rubro coração.  
Eu tinha dez anos quando o enterraram.  
Aos vinte, eu tentei morrer  
E voltar, voltar pra você.  
Achei que mesmo os ossos serviram.

Mas me puxaram saco afora,  
Juntaram meus pedaços com cola.  
E aí eu soube o que fazer.

Eu fiz um modelo de você,  
Homem de negro, Meinkampf no jeito

À tortura e ao torniquete afeito.  
E eu disse aceito, aceito  
Então, papai, finalmente acabei.  
Arranquei o telefone negro da raiz,  
As vozes já não rastejam até aqui.

Se matei um homem, matei dois  
– O vampiro que me disse ser você  
E sugou meu sangue por um ano afora,  
Sete anos, se quiser saber  
Papai pode voltar a se deitar agora.

Há uma estaca em seu coração negro  
E os homens da vila jamais gostaram de você.  
Estão espezinhando, dançando sobre você.  
Eles sempre souberam que era você.  
Papai, papai, seu canalha, acabei.

**Retirados do artigo “Sylvia Plath: quatro “poemas-porrada”, de  
Marina Della Valle**